

A criança como protagonista na resolução de problemas no entorno escolar**The child as protagonist in solving problems in the school environment**

Recebimento dos originais: 01/09/2017

Aceitação para publicação: 09/11/2017

Soraia dos Santos Mangili Vidal

Formada em Pedagogia. Especialista em Educação pela Fundação Educacional Severino Sombra -
Assistente Psicopedagógica da Educação Infantil do Colégio Marista de Criciúma

Instituição: Colégio Marista Criciúma

Endereço: Rua Antônio de Lucca, 334 - Pio Corrêa, Criciúma - SC, Brasil

E-mail: sovidal@colegiosmaristas.com.br

Ingrid Roussenq Fortunato Maartins

Formada em Pedagogia. Mestre em Educação, pela Universidade do Extremos Sul Catarinense -
UNESC. Diretora Educacional do Colégio Marista de Criciúma

Instituição: Colégio Marista Criciúma

Endereço: Rua Antônio de Lucca, 334 - Pio Corrêa, Criciúma - SC, Brasil

E-mail: ifortunato@colegiosmaristas.com.br

Michele Mezari Oliveira

Formada em Ciências Biológicas. Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul
Catarinense - UNESC. Professora de Ciências no Ensino Fundamental na rede pública municipal e
de Biologia no Ensino Médio do Colégio Marista de Criciúma

Instituição: Colégio Marista Criciúma

Endereço: Rua Antônio de Lucca, 334 - Pio Corrêa, Criciúma - SC, Brasil

E-mail: meoliveira@colegiosmaristas.com.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta a forma como o Colégio Marista de Criciúma resolveu um problema relacionado ao trânsito com a participação efetiva das crianças em assembleia. A utilização da prática da Pedagogia da Escuta foi imprescindível para a realização dos encontros. O artigo descreve a atitude de quebra de paradigmas e desenvolvimento da capacidade de ouvir e encaminhar processos, de ouvir o não dito, buscar o inaudível, ver o invisível, de fazer boas perguntas e buscar muitos outros questionamentos que não haviam sido pensados. O texto está embasado no diálogo entre professor e aluno, proposto por Freire (1996) que não se caracteriza pela “palavração”, onde um fala e muitos acatam. A prática destacada é voltada ao diálogo, onde há oportunidade de troca de ideias e tomada de decisões, abrindo espaço para a esperança. Para o autor, a esperança não é inerte e não produz encontros estéreis, mas é a própria produção da emancipação humana. A desesperança, ao contrário, é a esperança que perdeu a razão de ser. O que Freire (1996) propõe é que o educador cuide da esperança para que não vire desesperança, já que ela é geradora de uma realidade distinta. A esperança precisa estar vinculada à criticidade, pois é a crítica que desmitificará uma esperança ingênua. Além do amor e da humildade, Freire cita que para que haja diálogo é preciso ter fé nos homens, pois se não se vê possibilidade de mudança nos homens e no mundo não há diálogo. Essa fé nos homens pode ser descrita aqui também como fé nas crianças e sobre o que elas têm para dizer.

Palavras-chave: Protagonismo; Diálogo; Mudança Social.

ABSTRACT

The present work presents how the Marist College of Criciúma solved a problem related to the traffic with the effective participation of the children in the assembly. The use of the practice of the Listening Pedagogy was essential for the accomplishment of the meetings. The article describes the attitude of breaking paradigms and developing the ability to listen and direct processes, to listen to the unspoken, to seek the inaudible, to see the invisible, to ask good questions and to seek many other questions that had not been thought about. The text is based on the dialogue between teacher and student, proposed by Freire (1996) that is not characterized by the "word", where one speaks and many listen. The outstanding practice is focused on dialogue, where there is an opportunity to exchange ideas and make decisions, opening space for hope. For the author, hope is not inert and does not produce sterile encounters, but it is the very production of human emancipation. Hopelessness, on the contrary, is the hope that has lost its reason for being. What Freire (1996) proposes is that the educator should take care of hope so that it does not become hopeless, since it generates a different reality. Hope must be linked to criticality, for it is the critique that will demystify a naive hope. Besides love and humility, Freire mentions that for there to be dialogue it is necessary to have faith in men, because if there is no possibility of change in men and in the world there is no dialogue. This faith in men can also be described here as faith in children and what they have to say.

Keywords: Protagonism; Dialogue; Social change.

INTRODUÇÃO

A realidade contemporânea apresenta-nos grandes desafios em relação ao conhecimento, já que nossas crianças e jovens estão imersos nas informações que, não são, necessariamente, conhecimento.

Diante disso, é muito importante desenvolver habilidades e competências que respondam as demandas contemporâneas e que sejam coerentes com a concepção integrada e integradora da pessoa, sociedade e mundo.

A compreensão das diferentes linguagens e como as pessoas se comunicam sabendo ouvir e posicionar-se é uma construção, podendo ser incentivada pela família e escola. Assim, discurso é o espaço em que o saber e poder se articulam, pois, quem fala, fala de algum lugar, a partir de suas verdades também construídas a partir de sua história. A escola é um espaço de construção e abertura para as verdades que cada um internalizou por meio de sua caminhada. Mas também é um espaço-tempo o qual os alunos podem aprender a ouvir os outros, ter autonomia e protagonismo na resolução de problemas e conflitos.

Para que isso aconteça é necessário que a escola crie espaços de diálogo onde o aluno possa manifestar sua voz, seus desejos e sonhos, tornando-se assim agente de mudança social. Assim, discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois, quem fala, fala de algum lugar, a partir de suas verdades também construídas.

Assembleias: espaços de diálogo docente

Numa perspectiva dialógica, o Colégio Marista de Criciúma promoveu algumas assembleias para resolver problemas internos e externos que envolvessem a comunidade e o objetivo desse trabalho foi a promoção do diálogo.

O ideal de alunos da Rede de Colégios Maristas é a formação de alunos pesquisadores, comunicadores e solidários. Portanto, o Colégio Marista de Criciúma busca promover aulas nas quais os alunos possam desenvolver essas competências e o segmento que mais propicia espaços de diálogo é a Educação Infantil. Portanto, foi escolhido esse segmento para desenvolver assembleias com os alunos, no intuito de abrir espaços de diálogo e encontrar soluções viáveis para problemas vivenciados no cotidiano das crianças e famílias.

Uma das assembleias realizadas foi com o intuito de melhorar o fluxo do trânsito no entorno da escola, pois era um assunto que estava nas pautas das reuniões de pais e roda de conversas em sala de aula.

A assembleia com as crianças, nesse caso específico, viria abrir possibilidades ao diálogo que entre adultos estava tornando-se impossível. Essa troca de conhecimento nos trouxe muitas surpresas sobre o olhar das crianças que, muitas vezes, pode passar a impressão de ser despreziosa e alheia às coisas que acontecem. Contudo, não é.

Na negação das trocas de conhecimento professor/aluno, aluno/aluno a escola acaba não oportunizando o exercício do diálogo, e deixando de formar agentes comunicadores. A sala de aula perde a oportunidade de trabalhar com a riqueza das contradições pelo fato de ficar apenas nas certezas, comunicadas verticalmente, não promovendo uma relação horizontal entre professores e alunos.

Freire (1996) chama esse tipo de educação de bancária. Para ele, essa educação contribui para a “domesticação” pelo fato de não discutir, nem problematizar, e apenas legitimar as verdades estabelecidas. A falta de diálogo apenas incentiva os educandos a acreditarem que existe uma única perspectiva válida para cada conteúdo aprendido.

Para o professor que acredita numa concepção bancária é impossível utilizar o diálogo, já que este é “[...] uma relação horizontal de A com B [...] Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança” (FREIRE, 2008, p. 115).

É por essa razão que o autor afirma que só o diálogo consegue comunicar algo, pois é por meio dele que se instala uma relação de simpatia que permite tanto o educando quanto o educador a educarem-se mutuamente.

“O diálogo é, portanto, o indispensável caminho”, diz Jaspers, “não somente nas questões vitais para nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. Somente pela

virtude da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais cheguem a ser eles mesmos”. (FREIRE, 2008, p. 116)

O diálogo, tão importante e sempre citado por Freire (2001) foi utilizado para solucionar um problema da comunidade local que afetava escola e famílias. A assembleia contou com a participação de dois representantes de cada turma, desde o Infantil 2 até o Infantil 5. Ao voltar para as salas de aulas, após a assembleia, esses representantes eram responsáveis de explicar para o grupo de colegas o que havia sido discutido e quais as tarefas que tinham até a próxima reunião.

Foram realizadas cinco assembleias para discutir o problema e definir o que seria feito para resolver o problema do trânsito.

1º encontro

Para a primeira assembleia, foram reunidos dois representantes de cada turma, professoras, Coordenação Psicopedagógica e Assistência Psicopedagógica para deliberar a respeito da questão problemática: o trânsito ao redor do colégio.

Inicialmente foi necessário conversar com as crianças sobre o que é uma assembleia e como ela funciona e para isso, as mediadoras puderam contar com a participação das crianças que já haviam participado desses encontros em 2016.

O problema foi apresentado para as crianças, levando-as para observarem os arredores da escola onde foi possível observar carros estacionados em cima da faixa de pedestre e em outros lugares proibidos, bem como uma intensa movimentação de veículos no horário de pico.

A coordenadora da assembleia explicou que, ao final de cada encontro, cada representante de sala deveria explicar para sua turma o que havia sido discutido e a partir desta discussão levar propostas da turma no próximo encontro.

2º Encontro

Cada turma¹ elencou várias sugestões a partir do problema discutido na primeira assembleia.

¹ As falas das crianças serão transcritas sem correções de concordância. O objetivo é manter a essência do que disseram e desejaram explicar.

Quadro 1 – Sugestões das crianças, por segmento

Segmento	Sugestões
Infantil 2	<p>“Precisamos explicar aos pais porque eles não sabem a diferença de colocar o carro “em frente da garagem” e “na garagem”</p> <p>“Devemos chamar o guincho para levar o carro que está no lugar errado”</p> <p>“Podemos mandar uma cartinha para os pais, explicando as leis”</p>
Infantil 3	<p>“Devemos chamar o guarda. Eles poderiam vir explicar para os pais o lugar certo de estacionar”</p> <p>Em discussão na sala de aula descobriram que não pode ser qualquer guarda, e sim o de trânsito.</p> <p>“Precisamos chamar o guincho, a polícia e até o bombeiro. ”</p> <p>“Devemos fazer cartazes sobre o assunto e colocar na frente da escola. ”</p> <p>“Que tal fazermos adesivos para colocar nos carros? ”</p> <p>“Vamos usar o assunto como tema para as acolhidas?”</p> <p>“Vamos dar aula para os pais. Eles vão aprender algumas placas de trânsito. ”</p> <p>“ Fazer placas sobre o que aprendemos e colocar do lado de fora da escola. ”</p> <p>“Fazer bilhetes para mandar aos pais. ”</p>
Infantil 4	<p>“Vamos fazer uma reunião para conversar com os pais! ”</p> <p>“Que tal confeccionar cartazes bem coloridos para chamar atenção dos pais? ”</p> <p>“Vamos colocar mais placas dizendo que é proibido estacionar! ”</p> <p>“É preciso pintar mais forte as faixas de segurança porque estão desbotadas! ”</p> <p>“Devemos fazer bilhetes para encaminhar aos pais, contando tudo isso que ‘a gente’ conversa!”</p>
Infantil 5	<p>“Precisamos fazer adesivos para colar no peito dos pais no horário de entrada e saída. ”</p> <p>“Que tal fazer cartazes sobre o assunto e convidar os guardas municipais para participar das acolhidas? ”</p> <p>“Vamos fazer placas de madeira e papelão com algumas frases orientando os pais, e fazer bilhetes com coração, ‘porque o coração é o símbolo do amor, e se a gente se ama, precisamos respeitar as pessoas e o trânsito’ ”.</p> <p>“Quem mora perto dever vir a pé...”</p> <p>A sugestão do Infantil 5 em relação aos adesivos foi acolhida por todas as crianças. Dessa forma, as crianças acordaram com a coordenadora que na próxima assembleia fosse trazido sugestões por meio de desenhos realizados com a turma.</p>

Fonte: Dados coletados pelas autoras

3º Encontro

Esse foi um encontro bastante decisivo pois, por meio de votação foi definida as prioridades das ações e distribuídas as tarefas:

² Acolhidas são momentos em que as crianças refletem por segmento, com as professoras e representantes da Pastoral sobre diversos problemas vivenciados pela escola e sociedade. Podem ser valores que precisam ser melhores trabalhados e/ou outros assuntos que as professoras e coordenação achem relevantes serem tratados.

Quadro 2 – Ações e responsabilidades

Responsabilidade	Ação
Infantil 4D	Encaminhar carta para a ASTC ³ , solicitando pintura das faixas de pedestre e demais sinalizações na rua de acesso ao Infantil.
Infantil 5B	Confeccionar bilhete para os pais, apresentando os problemas enfrentados no acesso à Educação Infantil, falando a respeito das assembleias realizadas com as crianças e solicitando compreensão e auxílio de todos os pais.
Infantil 5A e 5C	Desenvolver a arte para confecção de um cartão em forma de coração com as regras de acesso à Educação Infantil, bem como a arte para confecção de adesivos para colocar nos veículos.
Equipe de Pastoral e turmas responsáveis pelas acolhidas do mês	Utilizar o assunto como tema para a acolhida. Cada criança ensinará as regras de acesso à Educação Infantil às famílias.
Infantil 5D e 5B	Desenvolver cartazes e placas para serem colocados no espaço de embarque e desembarque da Educação Infantil.
Infantil 3	Encaminhar ofício à ASTC, apresentando os problemas detectados no acesso à Educação Infantil, bem como, relatando as ações que estão sendo tomadas e solicitando que disponibilizem um guarda de trânsito, nos horários de pico, para orientar os veículos a respeito das regras de trânsito.
Infantil 2	Desenvolver uma campanha que estimule as famílias (que moram nas proximidades da escola) a virem caminhando "Venha caminhando para a Escola."

Fonte: Dados coletados pelas autoras.

Ficou definido que as ações seriam colocadas em um plano de ação e posteriormente divulgadas a todos os envolvidos nas discussões.

4º Encontro

Esse encontro foi voltado para ouvir o retorno da ASTC, que se comprometeu revitalizar não apenas o entorno do Colégio, mas de todo bairro Pio Corrêa.

5º Encontro

Esta foi a última assembleia para tratar do problema do trânsito e nela foram apresentadas todas as interferências feitas na comunidade por meio das propostas das crianças.

³ Autarquia de Segurança de Trânsito de Criciúma

Figura 1 – Apresentação do problema a ser tratado nas assembleias



Fonte: acervo fotográfico Colégio Marista de Criciúma

Figura 2 – Pedagogia da Escuta em exercício



Fonte: acervo fotográfico Colégio Marista de Criciúma

Figura 3 – Carta encaminhada à ASTC solicitando a revitalização dos sinais de trânsito dos arredores do colégio



Beatriz F.G.Ribeiro - 4 anos



Marina v. Milanese - 4 anos



Fonte: acervo fotográfico Colégio Marista de Criciúma

Figura 4 – Visita dos representantes da ASTC para dar retorno às solicitações feitas pelas crianças



Fonte: arquivo do Colégio Marista de Criciúma

Figura 5 – Placas elaboradas pelas crianças para orientação no trânsito



Fonte: acervo Colégio Marista de Criciúma

Figura 6 – Palestra com guardas municipais e material de divulgação produzido pelas crianças



Fonte: acervo fotográfico Colégio Marista de Criciúma

Figura 7 – Material de divulgação produzido pelas crianças



Fonte: acervo fotográfico Colégio Marista de Criciúma

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com assembleias feita com crianças pequenas confirma o que o que Freire nos deixou sobre o processo de libertação, pois ela só se constitui por meio de uma educação que dê espaço ao diálogo, contrariando a educação bancária, onde o dissertador programa antes para poder explicar “tudo” sem esquecer de nenhum tópico. Não há perguntas a serem respondidas no ato pedagógico, pois o educador já as respondeu antes mesmo de iniciar sua aula. Para o educador bancário, o conteúdo programático da educação é uma doação sua a outros.

É por meio da realidade mediatizadora que o educador escolhe os conteúdos sobre os quais irá dialogar. É por meio do diálogo que os saberes podem ser democratizados.

A educação se refaz na práxis e sua duração se dá no “jogo dos contrários permanência-mudança” (FREIRE, 1996). Ela opõe-se à ideia de permanência porque reforça a mudança por meio do diálogo.

A práxis contraria a domesticação e alienação e gera um processo de atuação consciente que conduz a um discurso sobre a realidade para modificá-la. A conscientização gera ações que levam à construção de outro mundo conceitual em que o homem se torna sujeito e passa a atuar no mundo em que está inserido. A práxis caracteriza-se como um conjunto de ideias capazes de interpretar um momento histórico ou um dado fenômeno, que, posteriormente, torna-se outro enunciado, em que o indivíduo profere sua palavra sobre o que vê e passa a agir para transformação dessa mesma realidade e essa ação potencializa um novo pensar. A partir do instante em que alguém se conscientiza de seu lugar no mundo, sua transformação torna-se possível.

A prática da Pedagogia da Escuta, requer uma atitude a ser desenvolvida por todos os adultos. Na escola essa atitude nos exige quebrar paradigmas e desenvolver a capacidade de ouvir e encaminhar processos, de ouvir o não dito, buscar o inaudível, ver o invisível, de fazer boas perguntas e permitir que elas gerem outras ainda mais significativas. O espaço escolar deixa de ser espaço de respostas para dar lugar às curiosidades que levam tanto alunos quanto professores a buscarem suas próprias respostas.

Neste ínterim, o ato educativo torna o aluno dono de sua palavra, pois é a ação de libertação de suas próprias ideias e autonomia. Abrir espaços de diálogo numa instituição tão fechada quanto a escola é também abrir possibilidades desses alunos aprenderem que sua palavra tem força e vale à pena ser dita.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.